

## TOADAS DOS BOIS-BUMBÁS: MEMÓRIA E ARQUIVO

Maria Celeste de Souza CARDOSO<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo procura mostrar de forma explicativa e crítica como acontece o arquivamento, a memória e o suporte nas toadas de boi-bumbá. Assim como também demonstra o pensamento de alguns pesquisadores a respeito da temática e enfatiza a questão da preocupação com o tradicional e o moderno presente atualmente nas composições musicais dos bois-bumbás e as transformações ocorridas nos últimos anos. A história do boi-bumbá está na memória dos brincantes mais antigos e daqueles que acompanham a evolução dos bumbás e o surgimento de novos modelos nas agremiações folclóricas. É importante perceber a evolução das toadas e a necessidade de preservação da cultura popular. Dessa forma, o artigo demonstra que as modificações acontecem, mas as manifestações culturais resistem bravamente e estão presentes na memória dos torcedores e dos compositores parintinenses.

**Palavras-chave:** Memória. Arquivo. Suporte. Toadas de boi-bumbá.

### Parintins, terra do folclore

Parintins é uma ilha situada à margem direita do rio Amazonas, a 420 km a leste de Manaus, com cerca de 100.000 habitantes, oriundos de vários lugares próximos e até mesmo distantes como é o caso de muitos nordestinos que por lá habitam desde o auge da borracha. E nos últimos anos transformou-se de uma cidade pequena e pacata no maior artefato da cultura popular por seu Festival Folclórico. É um lugar pitoresco, cheio de contrastes, de um lado, a pobreza, e de outro, um dos maiores artefatos dos últimos tempos: no bumbódromo, os dois convivem lado a lado e no período do festival, tudo se colore e a alegria permanece no ar mostrando o lado caboclo da população ribeirinha de uma das mais importantes cidades do Baixo Amazonas.

O Boi-bumbá propagou a cultura parintinense na mídia nacional e internacional como um dos maiores espetáculos de narrativa moderna veiculada através do “Auto do boi-bumbá”.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESP e mestranda em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: celeste\_cardoso23@yahoo.com.br

No entanto, esse espetáculo vem sendo contado através de histórias desencontradas. Existem várias versões que justificam o processo de transformação ocorrido nos últimos anos e até mesmo a história da origem dos bois-bumbás é contada de várias formas. Na verdade, é impossível pensar a história como um curso unitário e homogêneo. Pelo contrário, foram vários os fatores que contribuíram para que a população desse lugar partisse para um ideal de emancipação, que ainda está muito longe de acontecer, mas que já ocorre no pensamento do povo que vive nesta cidade. Povo que vive em uma sociedade pós-moderna, mas nostálgica de um passado cheio de tradição e cultura. Assim é a cidade de Parintins, cheia de contrastes e pluralidade de pensamento. Esse contraste transparece na arte e na cultura, nas crenças e atitudes, na economia e na política e, principalmente, no dia a dia dessa população ribeirinha.

### **A memória nas toadas dos bois-bumbás**

A história dos bois-bumbás de Parintins nos remete a tempos antigos que falam de folguedos, brincadeiras ao ar livre e rivalidade. É uma realidade que está na memória dos brincantes mais antigos, na memória daqueles que acompanham com fervor a transformação dos bois no decorrer de todos esses anos e até mesmo daqueles que só acompanham de longe o desenrolar da festa folclórica.

A memória, como ressalta Meneses (1999) está viva e atuante entre nós, mas isso não significa estabilidade e nem situação de equilíbrio e tranquilidade. Pelo contrário, pode significar insegurança, instabilidade, pois memória não é somente a noção de passado, de preservação de valores, mas todo conhecimento e representação intuitiva do presente e do futuro de toda uma geração.

Ainda Meneses (1999) afirma que hoje não se tem mais aquela imagem sincrônica como nas fotos antigas de famílias, em que na mesma superfície convivem harmoniosamente, apesar das marcas diferenciais, cronológicas, gerações, estilos, conteúdos de épocas sucessivas, como se o passado fosse apenas um antes, com relação ao agora. Com a Revolução Francesa esse passado passou a ser visto de forma diferente e a memória passou a ser fonte de inquietação constante. Apesar de que o processo de transformação induzido pelo

capitalismo trouxe consigo a necessidade de esquecimento e o impedimento de reconhecer o processo de produção e suas implicações.

A memória traz em si, nos dias atuais, todo um processo de transformações pelo qual passaram as sociedades de hoje. As toadas de boi-bumbá refletem esse processo de transformação. E essa transformação ocorre com a trajetória do bumbá como produto vendável. A partir do momento em que houve necessidade de se ajustar o festival folclórico de Parintins com a economia capitalista, como um produto de mídia, as transformações foram inevitáveis.

Fernandes (2002) ressalta que as transformações foram mais sentidas nos aspectos culturais, pois para alguns, as mudanças foram prejudiciais, mas necessárias, para outros, elas não contribuíram em nada, apenas deturparam a brincadeira que vem perdendo a sua essência a cada ano. Já Tenório (2011) diz que antigamente a memória do boi era passada de pai para filho, isso fez com que a brincadeira resistisse ao tempo e chegasse aos dias atuais com as transformações sofridas a cada década.

Azevedo (2002) retrata a preocupação das modificações tanto estéticas quanto as ocorridas nas relações entre patrocinador e patrocinado ou as descaracterizações feitas no bumbá através dos patrocínios e até mesmo como o boi vai se comportar nos próximos anos como produto vendável. Dentre essas preocupações está à voltada para a tradição e a pós-modernidade, a memória oral e coletiva e aquela ancorada na mídia contemporânea.

Essas preocupações se refletem também nas toadas dos bois as quais sofreram maiores influências modificadoras nos últimos anos. Nogueira (2008, p.204)

A memória musical dos bumbas parintinenses foi o item que mais mudou dentro da estrutura da folia do boi-bumbá. Atendendo aos apelos do mercado, os bumbás passaram a produzir estilos dançantes adequados aos espetáculos de massa. Pressão nas bases tradicionais estancaram os testes com ritmos que distanciavam cada vez mais os bumbás de suas raízes. Criou-se então um novo ritmo que se aproxima das exigências que vêm do mercado com o sentimento do passado.

Essa dicotomia entre tradicional e pós-moderno deixou excluídos alguns grupos do mercado de shows criado pelo ritmo do momento dos bumbás. Entretanto, existem alguns

focos de resistência que querem mostrar “que o ritmo comercial dos bumbás tem uma referência anterior, da qual não podem se afastar abruptamente para não negar a própria existência histórica”. (IDEM, 2008, p.204). Esses focos de resistência transparecem através de reclamações da população mais antiga, de alguns grupos musicais e até mesmo compositores que estão fora do mercado de toadas.

Por outro lado, percebe-se que o bumbá apesar de ter deixado de lado muitos elementos tradicionais, adquiriu uma identidade mais indígena e cabocla e se aliou aos governos, aos capitalistas, às empresas e cresceu de maneira formidável, tornando-se hoje uma empresa que lida com milhões. “Nessa aliança com os poderes, alijou muitos padrinhos e até algumas pessoas que deram início à brincadeira. Contudo, essa aliança levou-o à mídia nacional e internacional através de suas toadas Tic-Tac e Vermelho”. (AZEVEDO, 2002, p.72)

No entanto, essa projeção do boi-bumbá na mídia contribuiu para modificar o ritmo da toada: “o dois pra lá, dois pra cá cedeu espaço para um ritmo mais acelerado, cheio de coreografias e rebolados sensuais”. (FERNANDES, 2002, p.112)

Costa (2002, p.147) reforça essa ideia quando afirma que

As toadas do boi, hoje cantadas o ano inteiro nas rádios e tevês, através de requebros aeróbicos, esvoaçantes plumas e muito paetê, se faziam ouvir nas festas juninas de antigamente apenas através das vozes ao vivo dos brincantes. Talvez, por isso, a memória as tenha gravado mais firmemente e as viesse repetindo ano a ano.

Na verdade, esse ritmo mais acelerado acabou por afastar as pessoas mais antigas dos currais dos bois. Nem todos conseguem acompanhar os passos, outros não concordam com os rebolados, acreditam que não há necessidade da exposição de corpos e danças que não têm nada a ver com folclore nem com o boi. Geralmente, são danças e ritmos que estão na mídia e fazem a alegria dos mais jovens. Todavia, não há como escapar da modernidade, da influência de outras culturas que vêm a reboque da globalização, pois se vive hoje em uma sociedade dos *mass media*.

Essa sociedade, enfatizada por Vattimo (1992), é precisamente o contrário de uma sociedade mais iluminada. Os mass media, teoricamente, tornam possível uma informação em tempo real, sobretudo aquilo que acontece no mundo, poderia, com efeito, parecer uma espécie de realização concreta do Espírito Absoluto, de uma espécie de perfeita autoconsciência de toda a humanidade, como se fosse uma única e homogênea família.

Assim, todo cuidado é pouco, não existe essa homogeneidade, a sociedade é heterogênea, mesmo que o sistema teime em tratá-la de forma unificada. É neste sentido que não se pode deter o tempo. As modificações acontecem e penetram em qualquer seguimento da sociedade, principalmente nas manifestações culturais.

Para Nora (1993) a memória verdadeira, transformada por sua passagem em história, dá lugar a uma memória arquivística, à constituição vertiginosa e gigantesca do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar. Em uma sociedade marcada pelo produtivismo arquivístico, o vestígio é sacralizado, constituindo-se o arquivo como a secreção voluntária e organizada de uma memória perdida, mas não o saldo mais ou menos intencional de uma memória vivida.

A memória pode estar em decadência, porém há resistências. E essas resistências transparecem em todos os setores sociais e culturais. A festa dos bois cresce a cada dia, no entanto, a luta pela preservação da tradição é constante nas agremiações. E apesar da aparente amnésia coletiva que assola as manifestações culturais, é mister que “o contexto mais amplo das práticas sociais da memória é o da comunicação de massa e da indústria cultural, que priorizam a experiência do transitório e abominam a memória longa”. (MENESES, 1999, p.19)

Neste sentido, enfatiza-se que a memória está em crise. A maioria da população “esqueceu” suas raízes, os jovens não “lembram” e não “querem” participar de manifestações culturais que não estejam de acordo com o que veem na televisão ou com o grupo social a que pertencem. Entretanto, essas atitudes podem evidenciar a recusa em aceitar o processo de mudanças característico da sociedade pós-moderna.

Vattimo (1992) refere-se a essas atitudes predominantes como: arcaísmo, relativismo cultural e irracionalismo mitigado. O arcaísmo acontece quando há uma atitude de querer

resgatar o tradicional, uma nostalgia do passado, querer permanecer no passado sem levar em consideração o presente e as transformações ocorridas na sociedade. Já o relativismo cultural envolve a atitude de tratar a arte de forma pura e isolada, como se não existissem outras culturas e estas não fizessem parte de civilizações que possam ensinar a compreender melhor o que se passa no interior de determinada sociedade. O irracionalismo mitigado diz respeito a uma atitude que nega a heterogeneidade cultural, que enfatiza uma cultura homogênea e única da história das civilizações.

Assim, pode-se dizer que, apesar da crise da memória oral/tradicional, é evidente a luta das agremiações folclóricas dos bois-bumbás para que as modificações ocorridas não fiquem muito distantes da realidade cultural onde a festa folclórica acontece. Mesmo quando as toadas passaram a se projetar para uma identidade voltada para a juventude, num ritmo quente, quase axé, houve um momento em que foi preciso refletir no rumo em que o ritmo musical deveria chegar. E isso é muito bom, pois o passado não pode voltar, mas não dá para caminhar, para pensar em modificação sem levar em consideração esse passado.

### **A presença do manuscrito nas composições dos bois-bumbás**

As toadas expressam a linguagem, a música e a cultura de Parintins. E é a forma encontrada pelos compositores locais de cantarem as belezas, a história e a cultura do povo parintinense. É também, em termos literários, um processo de formação que resulta de um conjunto de forças aplicadas a um trabalho. Assim, é importante salientar a presença do manuscrito nas toadas de boi-bumbá.

Guimarães (2003, p.103) enfatiza que “a presença de manuscritos, com sua carga de documento efetivamente comprobatório, é longa na ficção”. Mas, a preocupação com o processo de criação é mais recente na literatura brasileira. A ideia disseminada durante séculos a respeito de “musa” ou “inspiração” não cabe mais na sociedade pós-moderna, porque estudos mostram o avanço da crítica genética no processo de criação de escritores e compositores atuais e cada vez mais “musa” ou “inspiração” ficam distantes do processo de criação literária de autores contemporâneos.

Zular (2002, p. 15) afirma que é “nítida a mudança de paradigma realçada pela crítica genética, atentando para movimentos e percursos que questionam a estabilidade atribuída à noção de texto”. Também ressalta que num primeiro momento há os manuscritos elaborados pelos escribas medievais que copiavam os textos para depois torná-los públicos. Depois com a invenção da imprensa houve uma divisão clara entre os textos manuscritos e impressos. Mais tarde, diluiu-se essa divisão com o aparecimento da máquina de escrever e, posteriormente, com o uso do computador.

Alfredo Bosi, na apresentação do livro “Universo da criação literária”, de Philippe Willemart (1993), diz que o processo criativo de um texto poético é sempre uma história íntima e uma história social, porque partilha significações e valores com o outro. Este partilhar demonstra a preocupação que o poeta/cantor tem com o seu público.

E é exatamente essa preocupação com o leitor que transparece nas obras poéticas, na seleção de vocábulos, sons, métrica, etc. Nas toadas de bois percebem-se verdadeiros jogos de palavras que envolvem o público de maneira entusiasta. No entanto, demonstram também que o compositor faz pesquisa, escolhe palavras e utiliza a melhor linguagem de acordo com o tema-base de cada boi para o Festival.

No entanto, sabe-se que o processo criativo é diferente para cada pessoa. No caso do boi, em conversa informal com alguns poetas das agremiações folclóricas, percebe-se que existe um divisor de águas: até mais ou menos a década de 1990, quando o festival alcançou projeção nacional, os compositores de toadas eram considerados profissionais que pesquisavam e conheciam a tradição do boi e isso transparecia em suas composições; porém, dessa década para os dias atuais, com as transformações ocorridas e a preocupação em atender aos modelos televisivos houve mudanças significativas na maneira de compor as toadas. Tenório (2011) diz que hoje as toadas são descartáveis, não dizem nada, falta conhecimento histórico e pesquisa.

A presença de manuscritos nas toadas de boi-bumbá é rara. Alguns compositores como Emerson Maia, Chico da Silva, Inaldo Medeiros, Braulino, Tadeu Garcia, Raimundo Dutra e outros utilizam (ou já utilizaram) rascunhos para escreverem suas toadas. Todavia, a pesquisa ainda está em andamento e não se pode afirmar que os compositores atuais não

rascunham suas obras, ou utilizam artefatos tecnológicos ou ainda pesquisam e, até mesmo, utilizam a inspiração em seus processos criativos. O fato é que há necessidade de continuidade dessa pesquisa para confirmação ou não dos mecanismos utilizados pelos compositores na confecção de suas toadas.

### **Arquivo e suporte das toadas de boi-bumbá**

O arquivo, segundo Arfuch (2009), é um espaço singular atravessado pela temporalidade: constituído no passado se projeta até o presente, o qual é sempre uma construção, pois é ativado pela leitura, pelas atualizações sucessivas, pela forma do olhar, pela descoberta súbita ou pelo retorno obstinado. O arquivo opera no campo da memória, como aquilo que se guarda que resiste ao fluxo do desaparecimento, que por alguma razão permanece, se entesoura, se cultiva, se preserva.

Para Robert (1990, apud Jardim, 1995, p.137) “os arquivos constituem a memória de uma organização qualquer que seja a sociedade, uma coletividade, uma empresa ou uma instituição, com vistas a harmonizar seu funcionamento e gerar seu futuro. Eles existem porque há necessidade de uma memória registrada”.

Já para Derrida (2008) o sentido de “arquivo”, seu único sentido vem para ele do arkheion grego, inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam que tomavam conta dos documentos oficiais, inicialmente, em suas próprias casas. Pode-se dizer também que arquivo é o conjunto de documentos manuscritos gráficos, fotográficos, recebidos ou produzidos por determinada instituição para serem guardados ou preservados.

Esses conceitos demonstram ainda hoje que a ideia que se tem de “arquivo” continua com o sentido de “guardar”, de ter um lugar específico, físico, para colocar os “documentos”, a “arte”, como por exemplo, os museus. Neste sentido, voltando-se para os bois-bumbás, há uma questão que vem sendo discutida em Parintins: Por que não existe um museu para guardar as alegorias dos bumbás? Esta questão é pertinente porque as pessoas percebem o

desperdício de material artístico após a apresentação dos bois no bumbódromo. E também porque há uma necessidade de preservar a história, de tentar recuperar aquilo que já se perdeu. As alegorias já foram apresentadas para o público; portanto, se forem guardadas, a memória não se perde, fica preservada.

A noção de que existe um arquivo físico, capturável, mostra que a fonte tem que ser concreta. Esta questão de haver um lugar para estabelecimento do arquivo leva a perceber que também existe um suporte, apesar de que uma boa parte dos arquivos nem sempre pode ser capturável, pois não há como arquivar tudo, para isso exige-se seletividade.

Colombo (1998) fala da gravação como forma de memorização de um fato em um suporte por meio de uma imagem (visual, acústica, acústico-visual) que, quando transmitida, restitui o ícone do próprio fato. Fala também do arquivamento, ou seja, a tradução de um evento em informação cifrada e localizável dentro de um sistema. Discorre sobre o arquivamento da gravação como tradução de uma imagem-recordação, de um ícone mnemônico em um signo arquivístico e localizável no sistema. E sobre a gravação do arquivamento como produção de cópias dos signos já arquivados a fim de evitar-se um possível esquecimento.

As toadas dos bois geralmente são arquivadas nas próprias sedes das agremiações folclóricas, no caso, as selecionadas para o festival. Mas a maioria é arquivada nas casas dos próprios compositores e nas de algumas pessoas simpatizantes do boi que guardam documentos, CDs e outros. Já os suportes utilizados atualmente são os CDs, DVs, a televisão, o rádio e a internet. Antes da década de 1990, quando o festival ainda não havia alcançado a mídia nacional e internacional, as toadas eram veiculadas através de fitas Cassete e VHS, e não se pode esquecer as narrativas orais, os suportes mais utilizados nesta época.

Outra forma de arquivo das toadas de boi-bumbá é a que resulta dos festivais organizados pela Prefeitura Municipal, os quais já estão em sua 5ª edição no ano corrente. Essas toadas são arquivadas nas secretarias públicas do município e os suportes utilizados são os CDs e a performance dos candidatos.

O pesquisador e escritor parintinense Basílio Tenório (2011) é um dos guardadores dos arquivos do Boi-bumbá Garantido. Em sua casa encontram-se caixas cheias de fitas

cassetes com entrevistas feitas com pessoas mais antigas deste boi-bumbá, assim como se encontram também livros, toadas, VHS de festivais antigos, fotos antigas e atuais, teses de doutorados, artigos e pesquisas. Este estudioso do boi enfatiza que a maioria dos arquivos desta agremiação já se perdeu, só existe o material que está em sua casa e os arquivos vivos: narrativas orais (brincantes mais antigos, viúvas dos compositores, descendentes dos fundadores, etc.).

Já na Agremiação Boi-bumbá Caprichoso, além dos arquivos guardados nas casas dos compositores e simpatizantes dessa agremiação há materiais guardados na casa de sua historiadora oficial: Prof<sup>a</sup> Odinéia Andrade, a qual procura preservar a memória do boi escrevendo e dando entrevistas a escritores, jornalistas e interessados no assunto.

Além dessa historiadora, há pessoas preocupadas com a preservação histórica dessas agremiações e que através de pesquisas dão continuidade a esse trabalho de arquivamento e memória dos bois-bumbás, Tenório Basílio é uma delas e atualmente apresentou uma proposta à Agremiação Folclórica Boi-bumbá Garantido para preservação do material que está em sua casa: organizar um departamento de História do Boi-bumbá Garantido com o objetivo de arquivar e criar um museu sobre o boi, devolvendo os arquivos que estão em seu poder e entregando também o material de pesquisa que recolheu nestes últimos anos.

Percebe-se, então, uma preocupação em guardar e preservar o material em arquivos e lugares fechados. Conceitos estes que já eram utilizados há muito tempo e que continuam a ser dissimulados nas sociedades atuais. Atualmente, o problema maior não é somente a preocupação com os arquivos, mas o acesso que a população terá a essas relíquias, a necessidade de guardar e preservar para pesquisas futuras e até mesmo para que a cultura se propague e permaneça na comunidade.

Nos últimos anos o boi-bumbá vem passando por profundas transformações. Este processo acontece principalmente porque este evento teve que ser moldado aos ditames da mídia contemporânea. Isso causou inúmeras modificações desde o início até os dias atuais do festival. É certo que os meios de comunicação mudaram a estrutura do Festival Folclórico de Parintins. Os patrocinadores investem nos bumbás e isto é um fato que influenciou na

economia local. Entretanto, há de se levar em consideração impactos que não são somente positivos, não somente no evento folclórico, mas na disposição interna da brincadeira.

Arquivo e Memória dos bois-bumbás precisam ser pensados de forma mais acadêmica. Aliás, a Academia precisa se fazer mais presente ao evento. Uma das maiores reclamações desse processo é a ausência da Academia. Não adianta pesquisas esporádicas, é necessário acompanhamento de perto e constantemente.

Também os investimentos precisam ser acompanhados de ações sociais que primem pela preservação do meio ambiente, gerem empregos e estimulem o turismo sustentável e saudável. A cidade necessita de investimentos econômicos positivos que beneficiem a população, mas que não sejam de caráter extremamente mercantil, pois podem provocar sérios impactos no interior da cultura popular.

É neste sentido que se percebe a preocupação de algumas pessoas engajadas neste evento cultural. Todo esse processo de desenraizamento da cultura parintinense pode acabar de vez com o que é tradicional, e a identidade cultural desse povo, que é a maior atração do festival, pode estar com os dias contados se não houver um espaço para análise e reflexão da festividade com a participação da população.

O boi-bumbá de Parintins, como já foi falado neste artigo, procura valorizar a cultura cabocla e indígena, que antes era discriminada. Mas somente isso não é o bastante. O Festival Folclórico, o auto do boi-bumbá e as toadas precisam ser valorizados também. E a organização dos arquivos dos bumbás contribuirá de maneira efetiva para que a memória dos bois não seja apagada.

É claro que quando se fala em arquivar a memória dos bois está a se falar também do acesso a esse arquivo para que se possa perceber, na verdade, que a memória está viva e atuante entre nós.

Outra questão que não pode ser esquecida é quanto aos manuscritos. Os compositores de toadas precisam ser incentivados à pesquisa, ao conhecimento da história dos bois, para que suas composições não caiam na mesmice e nem se tornem vazias. A preocupação apenas com o tema dos festivais pode contribuir para a desvalorização das toadas. É fato, no entanto, que a maioria dos compositores de toadas pesquisa os temas e a história dos bois antes do

processo criativo. Esses manuscritos precisam ser percebidos como vestígios ficcionais importantes para análises futuras das toadas de boi-bumbá.

Isto posto, encerra-se este artigo enfatizando a necessidade de preservação do patrimônio cultural e do ambiente. O parintinense é um artista nato, só é preciso mais seriedade na condução deste evento folclórico para que em Parintins não fique somente lixo e sujeira ao final da brincadeira, mas que a população possa se sentir parte integrante e atuante do festival.

### **Toadas of boi-bumbás: archive and memory**

***Abstract:** This paper aims to show an explicative and critical way how archiving, memory and the support of the toadas of boi-bumbás happens. As well as demonstrating the thoughts of some researchers regarding the theme and also emphasizes the question of the preoccupation with the traditional and the modern elements currently present in the musical compositions of the boi-bumbás and the transformations that have occurred in recent years. The history of the boi-bumbá is in the memory of the oldest participants and those who accompanied the evolution of the toadas and the appearance of the new models in the folklore guilds. It is important to perceive the evolution of the toadas and the need to preserve popular culture. Thus, the paper shows that the modifications occur, but the cultural manifestations bravely resist and are present in the memory of the fans and composers of Parintins.*

***Keywords:** Memory. Archive. Support. Boi-bumbá. Toadas.*

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARFUCH, Leonor. A auto/biografia como (mal de) arquivo. In: **Modernidades alternativas na América Latina**. Eneida Maria de Souza e Reinaldo Marques (orgs.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

AZEVEDO, Luiza Elaine Correa. Uma viagem ao boi-bumbá de Parintins: do turismo ao marketing cultural. In SOMANLU. **Revista de Estudos Amazônicos**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano II, nº 2: edição especial. Manaus: Editora Valer, 2002.

COLOMBO, Fausto. **Os Arquivos Imperfeitos**: memória social e cultura eletrônica. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

COSTA, Selda Vale da. Boi-bumbá, memória de antigamente. In SOMANLU. **Revista de Estudos Amazônicos**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano II, nº 2: edição especial. Manaus: Editora Valer, 2002.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Claudia de Moraes Rego [trad.]. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2008.

FERNANDES, Ana Rúbia Figueiredo. Festival folclórico: o que muda em Parintins? In SOMANLU. **Revista de Estudos Amazônicos**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano II, nº 2: edição especial. Manaus: Editora Valer, 2002.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. Entre periódicos e manuscritos. In **Arquivos Literários**. Eneida Maria de Souza e Wander Mello Miranda (orgs.). Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. *Ciência da Informação*, vol.25, n.2, 1995.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In **Arquivos, patrimônio e memória**: trajetórias e perspectivas. Zélia Lopes da Silva (org.). São Paulo: Editora Unesp/Fapesp, 1999.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas**: boi-bumbá, ciranda e sairé. Manaus: Editora Valer, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. São Paulo, n.10, dez, 1993.

TENÓRIO, Basílio. **Arquivos do Boi Garantido**. Parintins: Entrevista concedida no dia 12/09/2011, às 10h.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Hossein Shooja e Isabel Santos [trad.]. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1992.

WILLEMART, Philippe. **Universo da criação literária**: crítica genética, crítica pós-moderna. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

ZULAR, Roberto. **Criação em processo**: ensaios de crítica genética. São Paulo: Iluminuras, 2002.

**REVISTA *MEMENTO***

**V.4, n.2, jul.-dez. 2013**

**Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR**

**ISSN 2317-6911**

---